

# Disparidades Sociais-A diferença no tratamento obstétrico de mulheres negras, indígenas e brancas

Alunas: Amanda Albuquerque (CP2- Humaitá) e Gabriella Alves (CAp UFRJ)  
Orientadora: Dra. Danielle Ribeiro/ Co-orientadora: Dra. Vanessa Figueiredo  
Instituto Fernandes Figueira (IFF)

## INTRODUÇÃO:

O objetivo da pesquisa foi investigar criticamente as diferenças no tratamento obstétrico das mulheres brasileiras de acordo com a raça. De acordo com o segundo artigo da Lei nº 17.097/2017 do Estado de Santa Catarina:

**“Considera-se violência obstétrica todo ato praticado pelo médico, pela equipe do hospital, por um familiar ou acompanhante que ofenda, de forma verbal ou física, as mulheres gestantes, em trabalho de parto ou, ainda, no período puerpério”**

## DESENVOLVIMENTO:

Em 2014, no Brasil, a taxa de mortalidade materna era de 58,37 mortes maternas a cada 100.000 nascidos vivos. Dentre estes óbitos apenas 30,36% eram de mulheres brancas. Neste mesmo ano, o número de mulheres pardas e negras que vieram a óbito, somente no Nordeste, representa quase que o total de mulheres brancas que faleceram em função da gravidez, parto ou pós-parto em todo o Brasil

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), divulgada em 2013, o serviço de saúde é o meio no qual mais acontece o racismo. Dentre as pessoas que se sentiram discriminadas no atendimento, 11,6% eram mulheres, e, em relação a cor destas mulheres, 11,9% se declararam negras. O Ministério da Saúde reconhece que cerca de 92% das mortes maternas de mulheres negras geralmente são evitáveis. Pode se concluir que o serviço de saúde escolhe quem atender e quem vai sobreviver, o que é contraditório para um sistema que se diz que é igualitário

Além disso, nesta mesma pesquisa, não foi possível a averiguação de dados de mulheres pardas e/ou indígenas pois haviam poucas mulheres com essas características, ou seja, são poucas as informações que temos destas mesmas mulheres.



Segundo a pesquisa “Nascer no Brasil: Pesquisa Nacional sobre Parto e Nascimento”, as mulheres negras possuem uma tendência maior de não terem um tratamento adequado se as compararmos com as mulheres brancas:

- as mulheres negras possuem um maior risco de terem um pré-natal inadequado;
- possuem pouquíssima vinculação à maternidade;
- geralmente não têm acompanhante;
- recebem menos orientação durante o pré-natal, sobre o início do trabalho de parto e sobre as possíveis complicações na gravidez;
- possuem um índice maior de não aplicação de anestesia local para a episiotomia.



## METODOLOGIA:

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Foram adotados diversos tipos de literatura: a teórica e a empírica sobre o tema de estudo para a interpretação e comparação das descobertas, além da leitura metodológica para definir os métodos de pesquisa escolhidos.

## CONCLUSÃO:

Diante de todos os dados coletados e apresentados, apesar de a política de saúde se dizer igualitária, não oferece o mesmo tratamento para todas as mulheres, já que escolhe quem vai ser atendido antes ou depois. Assim sendo, as universidades e os cursos de saúde poderiam implementar uma matéria obrigatória sobre o racismo para uma melhor conscientização dos futuros profissionais. Além disso, deveriam ser implementadas políticas públicas e leis visando a diminuição dos números de óbitos e de casos de violências obstétricas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<https://docs.google.com/document/d/17ZuiAMaM3qP5r2yYXyEO80rV4DsvRL9mppbqFP3Og8k/edit?usp=sharing>

## AGRADECIMENTOS:

